

# COBERTURA DA RIO +20 PELA IMPRENSA ESCRITA CARIOCA

*Vanessa Mendonça Silva*

**Vínculo Institucional:** Jornalista pós-graduada em Relações Internacionais

**Resumo:**

A sociedade atual convive com o fenômeno do imediatismo, onde fatos e acontecimentos tornam-se conhecidos de todos, mesmo que a milhares de quilômetros de distância, instantaneamente. O que acontece no oriente, por exemplo, é sabido no mesmo instante no ocidente. E a mídia figura como um dos principais meios para esta propagação. Isso mostra a importância dos meios de comunicação atualmente. Uma sociedade altamente globalizada, onde tudo e todos estão interligados. Nações tomam suas decisões e muitas delas são definidas com base em seus interesses e suas relações com o resto do mundo. Vivemos em uma realidade internacional dividida em blocos econômicos, e isso é um forte exemplo da importância da integração para a negociação e a busca de soluções em comum para problemas que ultrapassam as fronteiras nacionais. Para discutir estas questões são realizadas diversas reuniões entre diferentes nações e blocos. Uma em especial chamou atenção: a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio +20. Devido a sua grandiosidade, os olhos do mundo se voltaram para o evento, e conseqüentemente toda a mídia o cobriu amplamente. Mais de 4.000 jornalistas de todo o mundo fizeram a cobertura, dentre eles, obviamente, muitos brasileiros. Mas como a mídia brasileira, especificamente a mídia impressa do Rio de Janeiro, se comportou? Como foi a cobertura? Este artigo se propõe a responder essas questões buscando esclarecer a importância da atuação da mídia e sua interferência nas relações internacionais. E a partir daí, compreender o que foi o evento e de que forma a mídia impressa carioca atuou.

**Palavras-chaves:**

Rio +20; Relações Internacionais; Mídia Impressa carioca, Mídia; Jornalismo.

**Abstract:**

The current society coexists with the phenomenon of the immediacy, in which facts and events become known to all, even thousands of kilometers

away, instantly. What happens in the East, for example, it is known at once in the West. And the media figure as a major means to this spread. This shows the importance of the media today. A highly globalized society, where everything and everyone is interconnected. Nations make their decisions and many of them are defined based on their interests and their relations with the rest of the world. We live in an international reality divided into economic blocs, and this is a strong example of the importance of integration for the negotiation and the search for common solutions to problems that transcend national borders. To discuss these issues are held several meetings between different nations and blocs. One in particular was important: the United Nations Conference on Sustainable Development, Rio +20. Because of its grandeur, the world's eyes turned to the event, and consequently all the media covered it extensively. More than 4,000 journalists from around the world have covered, among them, of course, many Brazilians. But as the Brazilian media, particularly the print media in Rio de Janeiro, behaved? How was the coverage? This article aims to answer these questions seeking to clarify the importance of the media's role and its interference in international relations. And from there, to understand what the event was and how the Rio print media served.

**Keywords:**

Rio +20; International Relations; Rio de Janeiro Press Media; Media; Journalism

### Como Foi a Cobertura da Rio +20 pela imprensa escrita carioca?

Logo de início é fundamental entender o que de fato são relações internacionais e quais são os atores que atuam nesta esfera. Habitualmente, quando se fala em atores internacionais o primeiro pensamento que surge nos remete a figura do Estado. E neste caso as relações internacionais seriam as relações entre estes Estados. Mas na realidade contemporânea esta visão se apresenta muito limitada. Uma das características mais importantes do sistema político mundial na segunda metade do século XX é o aumento significativo em número e relevância de atores não estatais. Com o crescimento da interdependência e da comunicação entre as sociedades foi estabelecida uma grande variedade de novas estruturas organizacionais operando numa base regional e global. Existem outros atores internacionais além dos Estados.

*"Esses demais atores das relações internacionais podem ser classificados de várias maneiras. Como "organizações" e "corporações" multinacionais. As organizações multinacionais podem ser divididas em intergovernamentais e ONGs. À primeira categoria pertencem organizações como a ONU (Organização das Nações Unidas), o FMI (Fundo Monetário Internacional), a OEA (Organização dos Estados Americanos), a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) etc. À segunda categoria pertencem organizações como Greenpeace, Anistia Internacional, Médicos Sem Fronteiras, igrejas e partidos políticos". (GONÇALVES, 2002, p. 12).*

Não se pode negar que o Estado aparece frequentemente como protagonista e esta importância é consequência de sua capacidade de ter direitos e deveres internacionais e também de conservar seus direitos por meio do exercício dos recursos internacionais cabíveis.

Mas existe ainda outro ator, que tem chamado cada vez mais atenção: a mídia. É inegável a habilidade que os meios de comunicação de massa possuem na articulação de fatos e políticas internacionais. A mídia possui uma grande influência em certos assuntos e, quando se envolve em certas discussões acaba por demonstrar claramente o seu poder de condução dos debates na esfera internacional.

Como afirma SANTAELLA (2002), o papel desempenhado pelos meios de comunicação é essencial para as transformações da sociedade.

*"Dos anos 1990 para cá, a partir da globalização, o papel desempenhado pelos meios de comunicação passou a ser de uma tal ordem a ponto de se poder afirmar que, sem os meios de comunicação, o complexo fenômeno da globalização, tanto nos seus aspectos econômicos e políticos quanto certamente culturais não teria sido possível. Os sistemas de comunicação e informação certamente passaram a exercer um papel estruturante na organização da sociedade e da nova ordem mundial". (SANTAELLA, 2002, pag. 77).*

### O discurso midiático

O discurso da mídia é produzido por vários participantes, desde a diretoria da empresa jornalística, que cuida de sua economia e sua organização, até os operadores técnicos, e por fim os jornalistas, que são os mais importantes, pois são os que coletam os acontecimentos e tem por função transmiti-los.

O fato de que não é possível estar presente em todos os lugares do mundo ao mesmo tempo, além das restrições de tempo faz com que seja necessário selecionar o que será divulgado. E é na escolha dos critérios que nortearão esta seleção que está a identidade de cada empresa midiática. É o que se chama linha editorial.

O objetivo do discurso midiático, em especial o jornalístico, é fazer com que o cidadão saiba o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo. Para conseguir este feito são utilizados dois recursos: a descrição-narração, para reportar os fatos do mundo; e a explicação, para esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as consequências desses fatos. Cabe autenticar os fatos, descrevê-los de maneira verossímil, sugerir as causas e justificar as explicações dadas.

De acordo com CHARAUDEAU (2012), tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstrução mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou. Os meios utilizados são a imagem, os testemunhos, entrevistas, bate-papos, investigações e pesquisas.

Os critérios para seleção dos acontecimentos a serem noticiados são seu potencial de "atualidade", de "socialidade" e de "imprevisibilidade". O potencial de atualidade seria o imediatismo, ou seja, se é um fato recente. O potencial de socialidade seria fato relacionado ao que é comum à vida em comunidade, como política, economia, esportes, cultura, ciências, religião, etc. O potencial de imprevisibilidade seria algo fora do comum, que não estava sendo esperado e que desta forma torna-se notável.

A imprensa escrita é muito mais analítica do que as outras. Para compreendê-la o leitor faz um movimento ocular que percorre seguidamente o espaço escritural do começo ao fim. Com isto, ele realiza uma lógica hierarquizada: faz conexões entre as diferentes partes de uma narrativa, de subordinação e de encaixe dos argumentos.

A escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, por exemplo. Portanto pode ser considerada a mídia mais eficaz, pois apresenta análises, comentários, editoriais, reflexões, crônicas e tudo o que aprofunda a

informação, além de indagar sobre as prováveis consequências dos acontecimentos.

Cabe nesse momento, observar o lugar onde circulam os produtos da mídia, o qual chamamos de "espaço público". Ele se caracteriza como sendo um espaço de representação, de compartilhamento, de discussão da cidadania e de difusão de informações. E a importância do que circula neste espaço público é cada vez mais norteada pela mídia. O que é divulgado pelos produtos da mídia, suas notícias e mensagens influenciam a formação da opinião pública.

*"Os media podem autorizar –se a si próprios a tratar certas temáticas e suas reportagens colocam em destaque assuntos que conduzem à formação de uma opinião pública. Não há acontecimentos com importância atribuída e suscetíveis de tocar o espectro público que não tenham, hoje, uma correspondente interpretação e divulgação midiática." (SENA, 2007, p. 274).*

As antigas sociedades se transformaram em sociedades midiáticas. A emancipação da mídia e sua própria função de pautar o que e sobre o que se fala na sociedade é exemplo de um mecanismo concreto de pré-seleção noticiosa, mas também de condicionamento do espaço público e de formação da opinião pública.

#### **Estudos tentam entender o poder da mídia**

Para entender o poder da mídia muitas pesquisas foram realizadas. Para McCOMBS (1992), os atributos enfatizados pelo campo jornalístico podem influenciar diretamente a direção da opinião pública. Para definir este poder foi criado o conceito de agendamento, nos anos 1970, que estipulava inicialmente que a mídia pode não dizer às pessoas como pensar, mas sim sobre o que pensar. Tanto a seleção das ocorrências e/ou das questões que constituirão a

agenda, que despertam a atenção, como a seleção dos enquadramentos para interpretar e pensar essas ocorrências e/ou questões são poderes importantes do agendamento. Os espectadores expostos às notícias dedicadas a um problema em particular ficam mais convencidos da sua importância. As redes noticiosas possuem uma poderosa capacidade de moldar a agenda pública.

Mas o conceito de agendamento é uma parte de uma multiplicidade de linhas de investigação, que se estendem em diversas direções. Para se ter uma ideia, foi apenas no século XIX que o jornalismo começou a ganhar um pequeno lugar na universidade, nomeadamente nos Estados Unidos e na França. Mais à frente, nos anos 1940, a investigação sobre o jornalismo esteve no centro de célebres estudos. Como o de LAZARFELD (1944), que pretendeu determinar a influência da campanha eleitoral sobre o voto dos cidadãos norte-americanos, chegando à conclusão de que o poder dos mídia consiste, sobretudo, em cristalizar as opiniões existentes e não em alterá-las. Os estudos de Lazarfeld deram origem ao modelo da “comunicação a dois níveis” e à teoria dos efeitos limitados da mídia, utilizando como base dados sobre a exposição das pessoas às notícias. Este procedimento seria também utilizado em grande parte dos estudos inseridos no filão de investigação que se desenvolveu a partir do ano de 1972 em torno da teoria do agendamento. Durante os anos 50, a investigação é essencialmente quantitativa, e a metodologia dominante é a análise de conteúdo. O fim dos anos 60 parece marcar o início de uma tremenda explosão de interesse por parte da comunidade acadêmica no estudo do jornalismo, em particular nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Durante os anos 70, a questão das relações entre fontes e jornalistas, abordada previamente de uma forma muito esporádica começa a ganhar alguma importância com a publicação de livros especificamente dedicados à problemática. As notícias como narrativas e a percepção do jornalista como “contador de histórias” é outro filão de investigação aberto nesta área científica. Na riqueza da investigação acadêmica sobre o

jornalismo que surge nos anos 70, emerge um novo paradigma: as notícias como construção. Assim, a pesquisa dos anos 70 constitui um momento de viragem, com a emergência de um paradigma que é totalmente oposto à perspectiva das notícias como distorção e que também põe em causa diretamente a própria ideologia jornalística e a sua teoria das notícias como espelho da realidade. No início do século XXI, as propostas apresentadas para compreender o jornalismo, e por que as notícias são como são, apresentam desdobramentos das conclusões apresentadas nos anos 50. Não se pode deixar de salientar que à medida que entramos no novo milênio, a contínua expansão do poder do jornalismo parece evidente enquanto as organizações noticiosas tornam-se parte integrante dos crescentes conglomerados da mídia que estendem o seu alcance a todos os cantos do globo.

#### **Indústria cultural: os produtos da mídia são feitos para o consumo das massas**

Com a difusão dos produtos da mídia, alguns pensadores começaram a analisar a situação a qual o mundo estava vivendo. Em 1947, foi criado o termo “Indústria Cultural”, pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, para apontar que os produtos da mídia são feitos num sistema de produção de bens culturais nas mais diversas áreas visando lucro e domínio político/social. São produtos feitos por uma “indústria cultural” para serem consumidos pela massa. O que antes era produzido como um bem em si mesmo, agora passa a se focar na reação da audiência. As massas não são o fator mais importante no processo de produção, mas apenas um elemento de cálculo. O consumidor não é sujeito desse processo, mas apenas objeto.

Ao mesmo tempo em que produz pensamento de massa, a indústria alimenta os comportamentos e pensamentos já existentes, como se fossem impossíveis de

serem mudados. Desta forma, a crença de que as coisas são como são e nada há de se fazer para mudar é difundida e reforçada.

Segundo Adorno e Horkheimer, para a indústria cultural o lucro é o único objetivo respeitado e todos tem que se sujeitar a essa visão de mundo. Os produtos são sempre anunciados como grandes novidades, como se tudo estivesse em um ritmo de constante progresso, mas somente a aparência mais exterior é maquiada para dar ares de inovação ao que em essência é sempre semelhante. Além do que, os produtos feitos para consumo massificado sempre são apresentados como individuais. Os modelos e intenções porém são massificados. Quando querem vender seus produtos, associam eles à atmosfera artística. Porém quando a crítica sobre a qualidade de algum deles chega ao público, seus promotores alegam que o que eles fornecem não é arte, mas indústria.

A face da indústria cultural é a mesma do espírito dominante, subestimá-la, para Adorno, é ingenuidade. Apesar da pobreza da qualidade e da futilidade do conteúdo, o resultado disso, que é instalar padrões de comportamento conformistas, não é algo inofensivo. Mas o próprio público não consegue ocultar muito bem suas dúvidas em relação aos supostos benefícios dos produtos da mídia de massa. As pessoas aceitariam a auto - enganação em troca de satisfação fugaz. Sentem que suas vidas seriam intoleráveis sem esse pouco de distração, mas pressentem que mesmo essa distração não deveria bastar, que ela esconde o vazio no qual tudo está sendo transformado por essas fábricas de entretenimento alienante. Dependência e servidão entre os homens são, para Adorno e Horkheimer, os objetivos últimos da indústria cultural.

De acordo com a obra do pesquisador COELHO (2006), a indústria cultural no Brasil apresenta-se marcada pelos traços do comercialismo e do capitalismo. As preocupações se guiam por uma preocupação maior, que é vender alguma coisa. E para vender é necessário criar e

manter o hábito de consumir. Em virtude desse mesmo comercialismo, e da orientação geral da economia, a indústria cultural brasileira está bastante voltada para temas, assuntos e culturas estrangeiras.

*"Em relação ao noticiário, os veículos nacionais são de fato alimentados por agências noticiosas estrangeiras (a maioria norte-americanas), naturalmente interessadas em divulgar os pontos de vista políticos e sociais de seus respectivos países. Isso provoca inúmeras distorções. Entre outras, um espaço até certo ponto demasiado grande para as notícias do exterior, fazendo, segundo alguns, com que o brasileiro viva preocupações relativas a certas realidades que não são as suas e sobre as quais não tem nenhuma influência". (COELHO, 2006, pag. 77).*

Ainda de acordo com ele, o fato de países como o Brasil sentirem-se na periferia do palco central leva, num esforço de superação da situação, a essas alternativas de abarcar o maior número possível de informações. Mesmo que as decisões continuem sendo tomadas lá fora, não é desprezível esse contato com as informações do exterior.

*"Se na indústria cultural brasileira a presença de temas de culturas estrangeiras é grande não é adequado assumir uma posição de recusa total diante dessa presença. Há muita coisa a ganhar através do contato com as culturas estrangeiras, tanto em termos estritamente culturais quanto ideológicos" (COELHO, 2006, pg. 78).*

#### **Atuação da mídia na contemporaneidade**

Eventos de dimensão internacional vem recebendo destaque nos noticiários. E a forma e a frequência com que eles são noticiados revelam que a relação entre a mídia e a vida internacional não se trata de algo efêmero. Entretanto, poucas são as pesquisas em relações internacionais no Brasil

e no mundo que analisam o papel da mídia como centro de discussões.

Como defende THOMPSON (1998), a mídia faz com que uma ação ou evento passe a adquirir um status público para outros que não estavam presentes no local no qual ele ocorreu ou que não foram capazes de vê-lo ou ouvi-lo. Uma ação ou evento deixou de ter de ser presenciado pelos indivíduos para os quais ela adquire um significado público.

*"A experiência nas sociedades contemporâneas se dissocia dos contextos locais nos quais os indivíduos vivem e se torna experiência mediada. Fenômenos distantes da realidade local, tais como a queda do muro de Berlim ou a guerra da Bósnia, tornam-se material a ser processado pelos indivíduos nas suas discussões cotidianas, adquirindo um significado". (THOMPSON, 1998, p. 8).*

Mas sobre a análise do processo comunicacional a nível internacional a explicação vem a seguir. O desenvolvimento do capitalismo no século XIX contribuiu para a expansão da chamada Comunicação Internacional.

*"As primeiras definições da Comunicação Internacional baseavam-se na ideia de uma comunicação que ocorria através das fronteiras e estava diretamente associada às informações trocadas entre os governos. Mas a partir do século XX o conceito foi se desvinculando das questões governamentais somente. O interesse acadêmico pelo tema ocorreu no período entre as duas Guerras Mundiais e foi originado por três razões principais: a utilização da propaganda durante as décadas de 1920 e 1930; o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação; e o advento do rádio, que trouxe as pesquisas de audiência para as Ciências Sociais". (CAMARGO, 2011, p. 41).*

De acordo com a autora, até a década de 1960, os estudos da comunicação internacional eram excessivamente caracterizados por uma postura de pesquisa comportamental. As discussões trazidas pela Guerra Fria, no entanto, fizeram com que esse foco fosse desviado. Incentivada pelos países do terceiro mundo, a grande questão do debate era a democratização global dos assuntos ligados à informação-comunicação. Argumentava-se que a desigualdade no cenário da comunicação internacional trazia sérias implicações para os países em desenvolvimento, que dependiam dos países mais ricos em todos os setores da informação. Esses e suas mídias também foram acusados de produzirem e disseminarem, pelo globo, notícias distorcidas e até mesmo falsas sobre os países do terceiro mundo.

Sobre a atuação da mídia no cenário internacional, a autora afirma que ela se diferencia dos demais atores. Enquanto os demais possuem identidades mais ou menos constantes, interesses baseados em tradições se comportam de uma forma na qual é possível observar certa previsibilidade; por sua vez, a mídia pode ser considerada um ator de múltiplas faces, cujo semblante depende do contexto, do tipo de veículo e da própria direção do meio de comunicação. Sendo assim, não é possível imprimir à mídia uma identidade fixa no cenário internacional.

Mas o fato é que, ao longo do século XX, observa-se que o desenvolvimento da mídia ganhou relevância nos planos nacional e internacional. A partir daí, é possível refletir que a atuação da mídia, com a sua capacidade de construir e disseminar em larga escala realidades sociais por meio de seu discurso diário, compartilha com os outros agentes a função de constituir a definição de regras, identidades e interesses. Em um movimento dialógico, igualmente, a mídia é constituída e influenciada pela estrutura da realidade política internacional.

#### A mídia brasileira num contexto internacional

Não existem dúvidas de que a localização da mídia brasileira nesse cenário da comunicação internacional é a de um país periférico, que não dita pautas para os principais assuntos globais e que depende muito de outras mídias para a formulação de suas notícias sobre os acontecimentos internacionais. Na imprensa, essa característica está presente desde os primórdios das publicações sobre os assuntos internacionais no país.

*"A história do jornalismo internacional publicado no Brasil possui como data fundamental o dia 22 de junho de 1874, quando um telégrafo ligando o Brasil à Europa foi instalado, no reinado de Dom Pedro II. Em 1877, a agência Reuter-Havas (empresa que reunia as atuais Reuters e France Presse) inaugurou uma sucursal no Rio de Janeiro. No mesmo ano, o Jornal do Comércio publicava, simultaneamente com os jornais europeus, as duas primeiras notícias internacionais no Brasil: a primeira informava que nos estaleiros ingleses havia fracassado a tentativa de lançar ao mar uma fragata encomendada pela Marinha brasileira. E a segunda informava a morte de um ex-embaixador britânico no Brasil". (CAMARGO, 2011, p. 61).*

No início do século XX, o jornalismo brasileiro passou por reformas estruturais. Na parte internacional, uma das principais mudanças se referiu à substituição das fontes diplomáticas brasileiras no exterior pelas agências internacionais de notícias na produção de matérias sobre os fatos ocorridos fora do Brasil.

Na década de 1970, os grandes jornais brasileiros, por não estarem excessivamente endividados, podiam contar com uma ampla gama de correspondentes no exterior. Há cerca de vinte e cinco anos, o jornal O Estado de S. Paulo tinha uma sucursal em Paris e possuía uma equipe de dez correspondentes permanentes. Os periódicos Folha de S. Paulo e O Globo possuíam equipes equivalentes com sete correspondentes cada um.

A dependência da imprensa brasileira pela mídia internacional pode ser mais bem compreendida ao se tomar como referência comparativa a produção das notícias internacionais por jornais de outros países.

Atualmente, nos cadernos internacionais e, principalmente, nos editoriais, análises críticas de jornalistas e especialistas sobre os assuntos internacionais são comuns na grande imprensa, fato que demonstra uma transformação com o trato das notícias internacionais. Portanto, a construção da notícia internacional na imprensa brasileira está em desenvolvimento.

#### O que foi a Rio +20

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. A Rio+20 foi assim conhecida porque marcou os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas.

A proposta brasileira de sediar a Rio+20 foi aprovada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, em sua 64ª Sessão, em 2009.

O objetivo da Conferência foi a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes.

A Rio+20 foi composta por três momentos. Nos primeiros dias, de 13 a 15 de junho, aconteceu a III Reunião do Comitê Preparatório, no qual se reuniram representantes governamentais para negociações dos documentos

adotados na Conferência. Em seguida, entre 16 e 19 de junho, foram programados os Diálogos para o Desenvolvimento Sustentável.

De 20 a 22 de junho, ocorreram o Segmento de Alto Nível da Conferência, para o qual foi confirmada a presença de diversos Chefes de Estado e de Governo dos países-membros das Nações Unidas.

Houve vários desfechos para a Rio+20. Um documento final de 53 páginas, acordado por 188 países, dita o caminho para a cooperação internacional sobre desenvolvimento sustentável. Além disso, governos, empresários e outros parceiros da sociedade civil registraram mais de 700 compromissos com ações concretas que proporcionem resultados no terreno para responder a necessidades específicas, como energia sustentável e transporte. Os compromissos assumidos no Rio incluem 50 bilhões de dólares que ajudarão um bilhão de pessoas a ter acesso a energia sustentável.

### **A cobertura da Rio +20 pelos principais jornais impressos cariocas**

Na cidade do Rio de Janeiro circulam diariamente dezenas de jornais impressos. Para fazer uma análise mais precisa foram escolhidos três dos principais. São eles: Jornal O Globo, Jornal O Dia e Jornal do Commercio. Foi selecionado tudo o que estes jornais publicaram entre os dias 11 e 24 de junho de 2012.

#### **Jornal O Globo**

De acordo com a associação nacional de jornais, o Jornal O Globo é o terceiro maior jornal do país com média de circulação de 277.876 jornais por dia. A cobertura do jornal O Globo sobre a Conferência das Nações Unidas sobre

Desenvolvimento Sustentável, a Rio +20, entre 11 e 24 de junho, contou com 188 reportagens, duas charges e oito artigos. Do dia 12 ao dia 23 de junho, o jornal publicou um caderno especial. Nestes cadernos foram publicadas dezenas de reportagens diárias, artigos, entrevistas com ambientalistas e as colunas "agendão" com informações e horários dos eventos paralelos por dia e "Mais Rio +20 hoje na internet", convidando o leitor a ler conteúdo produzido especialmente para a internet.

Antes do início da conferência, as reportagens enfatizavam a expectativa para o início do evento, explicando para os leitores como seria o esquema de trânsito e segurança na cidade do Rio. Paralelamente, reportagens mostraram que havia falhas no sistema de segurança do Riocentro. Em uma delas, o repórter conseguiu entrar no local com um canivete sem ser incomodado. Um fato noticiado nos primeiros dias da conferência foi a ausência do presidente americano, Barack Obama, e dos primeiros-ministros do Reino Unido, David Cameron, e da Alemanha, Angela Merkel.

A cobertura também enfatizou a dificuldade que seria alcançar um consenso entre os países participantes, e as declarações do secretário-geral da ONU para a Rio +20, ShaZukang, que reconheceu a dificuldade em estabelecer um acordo entre todos os países presentes e admitiu que o mundo retrocedeu desde a Rio 92, na conservação ambiental, embora seja mais rico do que duas décadas atrás. A capa do caderno especial do dia 20 de junho trouxe a manchete "Sem Ambições" e dentro do encarte uma reportagem especial mostrava a decepção de ambientalistas e cientistas com o rascunho do documento final da Rio + 20, que consideravam restrito, vago e pouco ambicioso. Aliás, durante todos os dias de cobertura foram publicadas reportagens mostrando a opinião de diferentes representantes da sociedade civil e a maioria se mostrou insatisfeita com o rascunho do documento final. A pressa para se apressar o documento até a chegada das delegações também foi noticiada. Na ocasião o jornal ouviu

representantes do governo brasileiro, como o ministro das relações exteriores, Antônio Patriota, que considerou uma vitória brasileira a aprovação do texto diante de tantas posições contraditórias.

Outras matérias mostraram a postura da diplomacia brasileira e as diferentes opiniões sobre sua atuação. Neste caso chama a atenção o fato de o jornal tentar ouvir diferentes pessoas. Numa reportagem também publicada em 20 de junho o jornal informa que a atuação da diplomacia brasileira estava sendo elogiada por diversas delegações oficiais estrangeiras, apesar da pressa em aprovar, em poucas horas, um texto com mais de 200 parágrafos; mas estava sendo criticada por representantes da sociedade civil. A reportagem informa que o ministro das relações exteriores, Antônio Patriota, designou uma equipe de 25 diplomatas para examinar profundamente o texto em negociação para, se necessário, fazer ajustes imediatos em busca de consenso e destaca que o texto do documento chegou à Rio +20 já com 25% dos parágrafos fechados. O próprio ministro admite que não queria correr o risco de repetir o que houve em Copenhague – conferência sobre mudanças climáticas realizada há dois anos, na Dinamarca, quando não houve documento final. Artigos apresentando a opinião de cientistas políticos, ambientalistas e autoridades políticas também foram publicados. Houve os que estavam vendo com bons olhos a condução das negociações e os que criticaram o andamento da conferência; como o jornalista Agostinho Vieira, que classificou o documento final como fraco, tímido e sem ousadia. Em seu artigo, publicado em 21 de junho, ele sustenta que não dá mais para acreditar que temas relevantes como o desenvolvimento sustentável e o aquecimento global, por exemplo, serão resolvidos numa sala entre líderes de 200 países que defendem, sempre, os seus interesses. Por mais mesquinhos que sejam. Além disso, para ele, é preciso mudar o discurso e fazer coisas concretas. Ações concretas hoje, que possam melhorar a qualidade de vida e trazer benefícios para o futuro.

No dia 22 de junho, a manchete do caderno especial era “Protesto Final”. Dentro do encarte uma reportagem de duas páginas informava sobre o protesto de ongs, institutos de pesquisa, líderes empresariais, indígenas, além de cientistas e economistas, que entregaram no último dia do evento uma carta-repúdio à Rio +20 ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. São apresentadas as opiniões de líderes da cúpula dos povos, que afirmam que a Rio +20 passará para a história como uma conferência da ONU que ofereceu à sociedade mundial um texto marcado por graves omissões e que não se encontrou nos 283 parágrafos do documento oficial o que deverá ser o legado desta conferência. Na mesma reportagem, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, afirma que o texto foi um grande sucesso para a comunidade internacional, que colocou todos na sustentabilidade viável. De acordo com a declaração dele, as Nações Unidas ficaram muito agradecidas e felizes pela liderança da presidente Dilma Rousseff e sua equipe, e pelo potencial de liderança do Brasil na causa da sustentabilidade.

Portanto, percebe-se um esforço do jornal para apresentar as diferentes versões de um mesmo fato. Para isto, foram ouvidos ambientalistas, líderes comunitários, cientistas políticos, especialistas e autoridades políticas. Mas todos foram unânimes em concordar que o documento final ficou aquém do esperado, que ninguém saiu inteiramente satisfeito das negociações. Porque é difícil um consenso entre centenas de países com políticas e posturas diferentes, portanto para que se conseguisse fechar o texto tornou-se necessário ceder e retirar alguns vetos.

O leitor também pôde ler muitas reportagens que mostraram as iniciativas da sociedade civil sobre as questões de sustentabilidade, seja mostrando projetos ambientais e de inclusão social, seja mostrando as mobilizações e protestos que aconteceram no Rio de Janeiro, como a marcha das mulheres pela liberdade feminina, em 18 de junho, no Centro da cidade. Além de saber mais sobre projetos de ONGs e Universidades, como o que faria reutilização dos galhardetes de divulgação da Rio +20

instalados nas proximidades do Aeroporto Internacional Tom Jobim e do Riocentro para a fabricação de ecobags, por exemplo.

Os eventos paralelos e suas discussões também obtiveram destaque, e trouxeram aos leitores temas como o consumo consciente e o desenvolvimento sustentável. E se sobressai o fato de a cobertura de O Globo dar voz aos ambientalistas. Todos os cadernos especiais trouxeram mais de uma longa entrevista, de duas páginas, com especialistas no assunto, para ouvir seus pontos de vista.

É importante destacar nesta análise o fato de o jornal O Globo não ter publicado editorial. E desta forma, o posicionamento do jornal foi mensurado pelo conteúdo publicado. Grande parte do que foi publicado mostrou a opinião de especialistas afirmando que o texto do documento final da Rio +20 foi tímido e pouco ambicioso. E que ainda falta fazer muito na esfera prática. Desde atitudes mais sustentáveis como consumo consciente e reciclagem até mais iniciativas governamentais, como leis mais severas e mais fiscalização à degradação ambiental. Essa foi a impressão que se teve ao ler o jornal.

#### **Jornal do Commercio**

A cobertura do Jornal do Commercio sobre a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio +20, entre 11 e 24 de junho, contou com 84 reportagens, destas 32 em caderno especial publicado no dia 20 de junho. O jornal também publicou cinco artigos de opinião e três editoriais expressando o seu ponto de vista. Nesse período, a Rio +20 teve sete chamadas de capa, nos dias 13,14, a edição de 15,16 e 17, 18, 19, 20 e 21. Ao todo 17 repórteres participaram da cobertura, todos puxados de outras editorias especialmente para a cobertura da Rio +20.

Um aspecto que chama a atenção é a quantidade de reportagens reproduzidas de agências de notícias (cerca de 10), neste caso em especial, a agência brasil.

Antes do início da conferência, as reportagens indicavam que os principais pontos de discussão do encontro seriam os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), o fortalecimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e as formas de financiamento das ações ambientais da ONU.

Durante os dias da conferência, entre 13 e 22 de junho, no conteúdo das reportagens é possível perceber o levantamento de enfoques importantes sobre sustentabilidade, como a inclusão das mulheres no assunto e suas contribuições à economia; a justiça social sob aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e ambientais; desenvolvimento de tecnologias verdes no combate as mudanças climáticas globais; a relação do homem com a natureza (se o consumo excessivo não estará provocando a exaustão dos recursos naturais); as pesquisas das universidades que buscam soluções para o uso inteligente da água; e projetos de carro híbrido movido a biodiesel.

Chamam a atenção também as reportagens que evidenciam as ações do governo brasileiro sobre o tema, como a que informa as medidas do governo para viabilizar e implantar programas de desenvolvimento sustentável, como o programa para concessão mais rápida de patentes verdes.

Sobre o evento em si, as reportagens ressaltam a necessidade de se buscar acordos globais e um entendimento entre os países participantes da conferência; explicando que a ideia da criação de um fundo para financiar o desenvolvimento sustentável é um ponto de impasse; as discussões para a adoção de políticas fiscais para alavancar o desenvolvimento sustentável, como o imposto sobre emissões de carbono; a posição do secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, que logo no início da conferência criticou a redação do documento final, mas

depois voltou atrás e elogiou o governo brasileiro na condução do documento, que de acordo com o jornal, ele considerou amplo, ambicioso e prático; e que as negociações para o texto final seguiram pelas madrugadas nos dias finais do evento.

Outras poucas reportagens mostram o impacto que o evento causou no cotidiano da cidade, em questões de segurança e transporte; e os legados que a conferência trouxe para a cidade, como a liberação para que todos os taxis circulem nos aeroportos.

Nos artigos de opinião se observa a defesa que o jornal faz da conferência e a convicção de que ela é relevante para a sociedade.

Apenas três reportagens informam sobre os eventos paralelos, e uma delas informa sobre as manifestações da sociedade civil que pararam a cidade, como a marcha das mulheres, índios e ambientalistas.

Com base na análise deste conteúdo, nas duas semanas em questão, é possível perceber que o jornal se focou no evento principal, no Riocentro, e praticamente ignorou os eventos paralelos e as mobilizações da sociedade civil.

A maioria das reportagens ressaltou os aspectos positivos da conferência, com destaque para as ações do governo na temática da sustentabilidade, principalmente sob aspectos econômicos.

Isso pode ser entendido se pesquisarmos o público-alvo do jornal, que é em sua maioria composto por pessoas da classe A e B. Ao qual interessa mais saber sobre o evento principal que reuniu com o requinte das grandes conferências os chefes de estado dos países participantes. Vale ressaltar que o Jornal do Commercio é tradicionalmente conhecido pela sua editoria de economia. Isso exige mais formação educacional, analítica e cultural por parte dos leitores. E essa é uma característica do jornal em questão. Portanto ele

adequou o noticiário conforme sua linha editorial e apresentou ao seu público-alvo os aspectos oficiais da conferência, principalmente sob o ponto de vista econômico.

### Jornal O Dia

A cobertura do jornal O Dia sobre a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio +20, entre 11 e 24 de junho, contou com 55 reportagens. O jornal também publicou 12 artigos de opinião e cinco editoriais expressando o seu ponto de vista. Nesse período, a Rio +20 teve dez chamadas de capa, nos dias 13,14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24. Ao todo 14 repórteres participaram da cobertura, todos puxados de outras editorias especialmente para a cobertura da Rio +20.

Antes do início da conferência, as reportagens mostravam o desconhecimento da população sobre a conferência. Os artigos de opinião também ressaltaram a falta de conhecimento da população sobre a Rio +20, pois de acordo um deles, dados do Ministério do Meio Ambiente revelavam que 78% da população desconhecia a conferência. Outros criticavam a postura brasileira em relação a temática ambiental, já que segundo os articulistas, ao invés de investir em transporte público de qualidade e não poluente, o governo opta por aquecer o mercado de veículos, como a medida que reduziu o IPI dos carros novos, e os carros aumentam o nível de gás carbônico, que é prejudicial para o efeito estufa e o aquecimento global. Outro ponto lembrado nos artigos é a falta de uma coleta seletiva de lixo eficiente. O jornal deu destaque também a importância do evento oficial, a Rio +20, ressaltando que são mais de 170 países envolvidos e que a expectativa era de que dificilmente se chegaria a um acordo.

Durante o evento, foram publicadas matérias sobre projetos sustentáveis na cidade, como a fábrica verde, unidade que trabalha com materiais reciclados no complexo

do alemão, na zona norte, e matérias abordando como o evento ocasionou mudanças na rotina da cidade do Rio, como alterações no trânsito e no esquema de segurança, que foi reforçado.

Outro ponto que chama a atenção na cobertura do jornal é o destaque que foi dado aos eventos paralelos, em especial a Cúpula dos Povos. Todos os eventos e mobilizações da sociedade civil, que aconteciam paralelamente ao evento oficial, foram noticiados pelo jornal.

No último editorial publicado é possível perceber a postura do jornal. Apesar de fazer uma crítica aos resultados do evento, afirmando que as decisões finais e o texto do documento oficial ficaram aquém do esperado. O jornal aponta que no somatório geral é justo dizer que a cidade passou bem pela Rio +20, que os eventos não devem apenas passar, mas ficar como exemplos bem-sucedidos de hospitalidade. Pois a cidade do Rio de Janeiro tem muito a ganhar, mesmo após as Olimpíadas de 2016. E que não é preciso esperar até 2014 para o próximo teste. Será já em 2013 com a Jornada Mundial da Juventude católica e seus milhares de peregrinos.

Apesar de ter sido o jornal com menos reportagens publicadas, O DIA foi o que mais noticiou a conferência longe do véis oficial. Todas as reportagens e artigos trouxeram uma crítica ao que de fato na prática estava acontecendo em termos de sustentabilidade. Seja na cidade do Rio ou no mundo. Por ser o mais popular entre os jornais analisados percebeu-se uma maior preocupação com as manifestações organizadas pela sociedade civil, que tiveram destaque na cobertura. Foram apresentados projetos e ideias que já existem ou que podem funcionar se houver vontade política.

## Conclusão

A forte presença do jornalismo na sociedade globalizada hoje é capaz de alterar a agenda internacional, interferindo nas prioridades dos Estados e, conseqüentemente, em suas políticas externas. Esse poder, usado sem o controle do Estado, transforma esses veículos e seus agentes, em algumas situações, em atores que interferem nas políticas externas.

Voltando-se para a análise da cobertura da imprensa escrita carioca sobre a Rio +20, percebe-se que a diplomacia midiática se fez presente. Pois a diplomacia na mídia consiste no uso de veículos de comunicação de massa para a comunicação entre Estados ou entre Estado e atores não-estatais, com o objetivo de construir formas de se avançarem em negociações, assim como mobilizar os públicos para que deem suporte aos acordos.

Várias são as formas para isso, desde a participação nos mais diferentes tipos de programas jornalísticos (entrevistas, programas de auditório, entre outros) ao planejamento de uma ampla cobertura da visita de um chefe de Estado a um país rival, por exemplo.

Sendo assim, o que se viu na cobertura dos jornais analisados foi a prática desta diplomacia midiática. Muitas reportagens trouxeram entrevistas com representantes de diversos países, e principalmente, do Brasil, como o ministro das relações exteriores, Antônio Patriota. E o conteúdo das reportagens trouxe posicionamentos no sentido de influenciar a opinião pública sobre a Rio+20.

Em contrapartida, é importante ressaltar que é através da imprensa que a maior parte das pessoas tem acesso à informação. Portanto, a importância da imprensa é indiscutível. Ela é um ator fundamental, pois através de sua cobertura pode influenciar a opinião pública e conseqüentemente influenciar e nortear as discussões, como vimos no início deste trabalho.

Através de sua cobertura, a imprensa pôde apresentar o sucesso ou o fracasso das negociações. E foi possível perceber que bem antes de começar o evento, o tom da cobertura já previa que a conferência seria um fracasso.

E cada veículo apresentou os fatos conforme sua linha editorial. Mas em todos os jornais analisados (O Globo, O DIA e Jornal do Commercio) o material publicado mostrou que o texto do documento final da Rio +20 foi tímido e pouco ambicioso. Foi unânime entre os jornais, também, a crítica à postura diplomática brasileira. O noticiário nos passou a ideia de que o governo brasileiro perdeu a chance de ser um líder nas causas da sustentabilidade.

A Rio +20 foi um marco importante para a sociedade civil, para o setor privado e governamental. Ela foi a maior reunião sobre o tema realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), com 45.381 participantes, delegações de 188 países membros e três observadores, mais de uma centena de chefes de estado e de governo, 12 mil delegados, 9.856 grupos e organizações não governamentais, além de 4.075 jornalistas de todo o mundo na cobertura e 4.363 pessoas atuando na segurança, de acordo com dados da ONU. Dada a importância do evento, percebe-se que os jornais criticam a falta de ambição do texto do documento final. Faltaram metas mais claras e compromissos específicos. Mas no conteúdo do noticiário subentende-se que apesar desta crítica, os jornais entenderam que se isso tivesse constado no texto final, certamente não haveria o documento, pois cada país tem seus interesses próprios e isso por si só leva a discordâncias. E a diplomacia brasileira escolheu então encaminhar um texto que embora não determine imposições, sanções ou obrigações de repasses financeiros, nem fixe prazos concretos para a adoção de medidas em favor do meio ambiente, atende a um dos objetivos centrais da Rio+20: renovar o compromisso dos países em alinhar-se com a sustentabilidade.

É importante ressaltar que a Rio +20 foi um divisor de águas em termos de cobertura da imprensa sobre

sustentabilidade. E este fato é muito positivo e importante para que as ações realmente relevantes em sustentabilidade encontrem espaço na cobertura da mídia e colaborem para a inspiração de outros daqui para frente.

Ao analisar as reportagens dos três jornais impressos cariocas, O Globo, O Dia e Jornal do Commercio, sobre a Rio +20, entre os dias 11 e 24 de junho, pode-se perceber que a cobertura foi muito parecida em todos os jornais. Todos levaram em consideração a importância do evento para tentar trazer à tona a temática da sustentabilidade. Foram apresentados aos leitores projetos de cunho ambiental desenvolvidos na cidade, a postura do governo brasileiro antes, durante e depois do evento, e as discussões que estavam em pauta na Rio +20.

Chama a atenção o fato de o Jornal do Commercio publicar apenas três reportagens sobre os eventos paralelos, de um total de 84 reportagens. Isso demonstra um posicionamento parcial do jornal, pois praticamente ignorou as manifestações da sociedade civil que aconteceram paralelamente ao evento oficial. Os outros, O Globo e O Dia, deram destaque para os acontecimentos paralelos, que foram foco da maioria das reportagens publicadas por ambos.

Mas uma coisa é certa: nunca se noticiou tanto as questões ligadas a sustentabilidade como na época do evento. Foram muitas reportagens sobre esta temática em pouco tempo. É possível perceber um esforço da mídia para levar ao público informações pertinentes sobre este assunto e tentar traduzir o que a ciência nos fala sobre os assuntos ambientais. A mídia, em especial os jornais analisados, apresentaram um senso de urgência sobre estes assuntos, mas não obtiveram muito êxito ao traduzir o porquê desta urgência. Era perceptível a efemeridade das pautas, que só receberam destaque por conta da ocasião. Outro ponto importante foi o fato de a maioria dos repórteres que participaram da cobertura não serem especializados no assunto. Cada um pode trazer a experiência de sua editoria e

desta forma seu ponto de vista para a temática ambiental. Mas isso nem sempre é bom, pois alguns assuntos acabam sendo camuflados por falta de conhecimento e conseqüentemente porque o jornalista não deu a eles a importância devida.

A crítica que se faz é que a importância dada a sustentabilidade deveria ser permanente e não efêmera. A

conclusão a que se chega é que a imprensa, de forma geral, tem dificuldade para cobrir assuntos ligados a ciência e sustentabilidade, e desta forma sempre são ouvidas as mesmas fontes e especialistas, que acabam assim padronizando a cobertura em todos os jornais.

## BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Julia Faria. *Mídia e Relações Internacionais: Lições da Invasão do Iraque em 2003*. 1ª reimpressão. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 7ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. 21ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação & Pesquisa*. 1ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

GONÇALVES, Williams. *Relações Internacionais*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SENA, Nilza Mouzinho de. *Espaço Público, Opinião e Democracia*. *Estudos em Comunicação* nº 1. Abril, 2007.